

BABY BYTE¹: UMA VISÃO PSICANALÍTICA SOBRE A SOLIDÃO E SEUS IMPACTOS À NOVA GERAÇÃO

**Ana Beatriz Nogueira Rodrigues da Silva, Fernanda Aparecida Lima da Silva,
Lauro Take Tomo Veloso**

¹Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, ana.beanrs@gmail.com, fernanda.lima.aesthete@gmail.com, lauro.taketomo@univap.br.

Resumo

O presente artigo analisa os impactos da hiperconectividade no desenvolvimento psicológico, fundamentando-se nas teorias de Winnicott e examinando a experiência contemporânea de estar só (Winnicott, 1958) em meio às dinâmicas tecnológicas. Discute-se como os dispositivos digitais influenciam a constituição psíquica dos sujeitos, destacando como essa hiperestimulação pode comprometer a capacidade de experienciar a solidão de modo saudável. Além disso, o texto reflete a urgência de aprofundar estudos na área para enfrentar os desafios psicossociais do século XXI, propondo a psicoterapia como um recurso essencial para a promoção da saúde mental.

Palavras-chave: Desenvolvimento psicológico. Hiperconectividade. Tecnologia. Saúde psíquica. Winnicott.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia.

Introdução

Nas últimas duas décadas, a humanidade experimentou uma revolução tecnológica marcada pela popularização da internet e o uso crescente de dispositivos móveis, resultando em uma hiperconectividade. Embora "tecnologia" tenha múltiplos significados, sua essência está na dialética entre ser humano e natureza, onde os produtos gerados dessa interação é ao mesmo tempo, causa e efeito da constituição individual e social dos sujeitos tornando-os indissociáveis e geradores de cultura.

Neste cenário contemporâneo, surgem fenômenos que se tornaram foco de debates populares e científicos relacionados à hiperconectividade. Destaca-se uma realidade comportamental peculiar: encontros familiares, jantares a dois, confraternizações com amigos ou mesmo em ambiente de trabalho em que as pessoas se encontram em uma comunhão "espacial", mas também encontram-se imersos em seus dispositivos celulares conectados à internet. O ponto de discussão proposto neste artigo e que será explorado, é de que em comparação ao século passado, a experiência de estar só ou não estar só (Winnicott, 1958) muda completamente quando contextualizado na contemporaneidade.

A perspectiva de uma realidade líquida e de sujeitos fluídos, conforme postulada por Zygmunt Bauman (2001), revela que as relações interpessoais, instituições sociais, constituição subjetiva e identitária de cada ser humano tornaram-se transitórias, flexíveis, efêmeras. Sobre a propagação da informação veiculada por meios eletrônicos, Bauman explicita que:

Podem ainda buscar refúgio em seus lares, mas dificilmente acharão lá o isolamento, e por mais que tentem nunca estarão verdadeiramente em casa: os refúgios têm paredes porosas, onde se espalham fios sem conta e que são facilmente penetradas por ondas aéreas (Bauman, 2001, p.145).

¹ "Baby Byte" foi um termo cunhado pelas autoras do presente artigo, para referenciar a integração dos dispositivos digitais no contexto de maturação infantil, presente na mais atual geração de crianças. *Baby*, da língua inglesa, tem como tradução "bebê" e *"byte"* trata-se de um termo usado na área de tecnologia, para designar a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida na computação.

"Remotamente controlados" ou inseridos à hiperconectividade, os sujeitos tornaram-se, os maiores defensores do direito de livre -irrestrito- acesso à informação e, simultaneamente, as maiores vítimas da liderança do poder moderno Panóptico, de Michael Foucault (Bauman, 2001, p.14 e 145).

Diante dos questionamentos sobre os impactos da hiperconectividade no desenvolvimento emocional, dependência e na saúde psíquica do sujeito, a teoria psicanalítica de D. W. Winnicott, centrada nas relações sociais e na experiência cultural, oferece uma perspectiva relevante, especialmente ao tentar compreender uma possível interpolação do atual contexto de conexão excessiva presente desde as primeiras fases da vida.

Na ótica winnicottiana, original, que identifica o sujeito a partir do seu indissociável meio, "[...] para se chegar a ser uma pessoa, é necessária a presença devotada de um outro ser humano" (SANTOS, 2016, p.164). Assim, é desta principal característica que se compreende a existência do sujeito, seu desenvolvimento, patologias e a técnica a ser utilizada em um ambiente clínico-terapêutico.

Sobre os problemas maturacionais em Winnicott, Zeljko Loparic (2016, p. 141-142) elenca três pontos, que em sua visão, são essenciais: Os distúrbios correspondem a falhas na continuidade da relação estabelecida com o Outro², provedor de cuidados; uma quebra homeostática é gerada a partir da compreensão desta falha, colocando em risco seu processo de integração; diante de uma possível desintegração o sujeito desenvolve defesas, como forma de auto-organização. Assim, notamos que a noção de um desenvolvimento gradual, rumo à independência, é transpassada pelos conceitos de integração e saúde em Winnicott.

Problemas maturacionais na vida social estão relacionados à capacidade de tolerar ambivalências e sentimentos de privação. Fatores perturbadores na vida social são as tensões sociais e a falta de provisão social (Loparic, 2016 p. 141).

E, como se sabe, a tolerância é uma aptidão que emerge no estágio chamado por Winnicott de *concern* (aceitação/empatia), nele o sujeito -ou pré sujeito, forma na qual Winnicott se referia ao infante ainda não integrado- desenvolve a capacidade, quando em um ambiente suficientemente bom, de lidar com a agressividade e a culpa (empatia). Originando-se, portanto, em uma relação dupla com a mãe, onde o sujeito gradualmente compreende a tolerância em sua experiência relacional num núcleo familiar e posteriormente, expande para a sociedade, moldando as suas experiências sociais e culturais.

Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os impactos da hiperconectividade no desenvolvimento emocional, com foco nas teorias de D.W. Winnicott. O levantamento incluiu a análise de livros e artigos científicos relevantes, bem como publicações que abordam o efeito das tecnologias digitais na saúde psíquica. A literatura foi utilizada para conectar conceitos teóricos com a realidade contemporânea, abordando como a experiência de estar só evoluiu e se alterou com a tecnologia. A proposta da análise comparativa visou identificar lacunas e desafios emergentes no campo.

Resultados e Discussão

Desenvolvimento emocional na primeira infância: a capacidade de estar só e o Complexo de Édipo em Winnicott

Ao adentrar as obras do psicanalista britânico, encontra-se o estágio de *concern* descrito como um período crucial no desenvolvimento emocional da criança. Durante esse estágio, a criança adquire a habilidade de lidar com sentimentos ambivalentes, o que, posteriormente, permite o desenvolvimento da capacidade de estar só - habilidade essencial para se obter uma constituição saudável do sujeito.

Analisando as fases de amadurecimento de um bebê até a sua introdução ao complexo de

² O termo "Outro" com o "O" maiúsculo em psicanálise, trata de um termo indicativo de um provedor de cuidados e interditor do sujeito, em um ponto ótimo/suficientemente bom. Sendo assim é a representação de uma função e lugar subjetivo.

Édipo, o infante deverá passar por diversas etapas, incluindo: Primeiro, a fase de dependência absoluta, onde o bebê é totalmente dependente do cuidador. Em seguida, vem a fase de dependência relativa, onde o bebê começa a reconhecer a separação entre ele e o cuidador. Ao reconhecer então sua própria sujeição, conseqüentemente, o bebê se torna mais tolerante em relação às falhas de adaptação do cuidador, podendo aproveitar essas falhas para seu próprio crescimento. Simultaneamente, a mãe experimenta uma evolução psíquica, progressivamente desligando-se de uma identificação intensa com o filho, que era predominante na fase de dependência absoluta. Ela retoma aspectos de sua vida pessoal e/ou profissional e introduz "falhas de adaptação" moderadas, ajustadas ao desenvolvimento da criança. Essas falhas, quando não instauradas abruptamente, são compreendidas pela criança de maneira a não prejudicar seu desenvolvimento (Nasio, 1995).

A seguir, a criança adentra o estágio da preocupação ou *concern*, descrito por Winnicott, no qual a capacidade de tolerar é desenvolvida. Esse estágio é crucial pois possibilita o sujeito começar a se posicionar psicologicamente para experimentar o complexo de Édipo e a suportar a ambivalência inerente ao estágio posterior, no qual a criança se envolve em relacionamentos triangulares entre pessoas plenamente desenvolvidas (Winnicott, 1958/1983, p. 28). Antes disso, no entanto, o bebê deve adquirir a capacidade de ver a mãe como um semelhante e experimentar sentimentos de culpa relacionados à fantasia de destruir o corpo materno, típicos da fase do sadismo oral.

Quando o bebê consegue integrar a mãe-objeto (a mãe que ele ataca em seus estados de excitação) com a mãe-ambiente (a mãe que cuida dele em estados de tranquilidade), ele começa a lidar com uma única mãe, completa e total, e esse processo de integração é parte desse estágio atual, onde a criança começa a desenvolver uma estabilidade interna ao aprender integrar impulsos conflitantes em relação a uma única pessoa. Esse desenvolvimento desenha o início do seu processo de independência.

Winnicott, ao construir sobre as ideias de Melanie Klein, enfatiza que a capacidade de se preocupar e sentir culpa de maneira legítima só é possível se a criança tiver passado por um estágio de preocupação bem-sucedido. Klein, por sua vez, havia postulado que a posição depressiva no desenvolvimento emocional é uma conquista, dependente da predominância temporária dos impulsos de amor sobre os impulsos destrutivos. No entanto, para Winnicott, o desenvolvimento dessa capacidade é fundamentalmente influenciado pelo ambiente e pelos cuidados recebidos no início da vida. Por isso, caso esse estágio de *concern* não seja adequadamente superado, a criança poderá enfrentar complicações nas fases seguintes do seu desenvolvimento maturacional.

Para Winnicott, inclusive, o Complexo de Édipo, por si só, não é suficiente para explicar todos os aspectos do desenvolvimento humano. Em vez disso, ele argumenta que a maturidade emocional é essencial para que o Complexo de Édipo seja adequadamente integrado e administrado. Com essa maturidade a criança reconhece a si própria e os objetos totais externos a si, possibilitando a uma relação triangular em que o ego está coeso e integrado, o que acaba por caracterizar um desenvolvimento saudável (Winnicott, 1958).

Outro aspecto crucial na obra de Winnicott é a solidão e como ele explora a experiência de estar só como um aspecto fundamental do desenvolvimento emocional. Nos últimos anos de sua vida, ele dedicou uma atenção especial aos dois problemas cruciais da experiência humana: a solidão e a preocupação (Khan, 1993).

O teórico ainda conceitualiza uma distinção interessante entre o "estar só" e o se "sentir-se só", argumentando que essa capacidade é uma conquista importante para o desenvolvimento emocional e se encontra intrinsecamente ligada à qualidade do ambiente fornecido nos primeiros anos de vida. Para Winnicott, essa capacidade de estar só está profundamente vinculada à experiência de uma presença materna confiável e um ambiente seguro e acolhedor, onde a criança pode começar a internalizar essa presença protetora, o que lhe permite, mais tarde, estar só sem se sentir desamparada ou ameaçada. Essa internalização está relacionada à "provisão ambiental suficientemente boa", que na fase inicial permite ao bebê começar a existir, ter experiências, construir um ego pessoal, dominar as pulsões e enfrentar as dificuldades inerentes à vida (Winnicott, 1956).

Para entender melhor este ponto, é importante considerar as nuances envolvidas, especialmente à luz das teorias psicanalíticas que discutem as complexas dinâmicas emocionais e psicológicas:

Estabelecendo uma rápida comparação entre Winnicott e Melanie Klein, podemos dizer o seguinte: para Klein, o que possibilitaria a um bebê suportar-se excluído da relação de seus pais seria a presença de um bom objeto introjetado. Gratificações instintivas repetidas permitiriam esta construção. A formulação de Winnicott tem alguma

semelhança com isto mas possui um adendo essencial. Sua hipótese é de que o fato de haver alguém perto do bebê, disponível, sem fazer exigências, e não porque o bebê precise de algo, isto permite o estabelecimento de um meio interno favorável. É interessante observar que esta possibilidade de viver a solidão sofisticada na presença da mãe, exige que esta mãe tolere a exclusão, e este é um ponto chave da questão aqui abordada. Fundamental é, também, que tal meio interno é uma situação anterior e mais primitiva do que uma mãe introjetada (Svartman, 2000, p. 118)

A solidão, portanto, não é uma experiência negativa, mas sim uma segurança e auto suficiência emocional que possibilita o surgimento da criatividade e a capacidade de estar só consigo mesmo e ela só poderá ser alcançada após a experiência de dependência suficientemente boa, onde a criança foi capaz de confiar no ambiente e na presença dos cuidadores. Se essa confiança não for estabelecida, o sujeito pode sentir uma solidão angustiante e destrutiva, que estará associada ao desamparo e desconexão consigo mesmo no futuro.

Por isso a capacidade de estar só consigo mesmo é vista ainda como um sinal de saúde psíquica, pois permite à criança explorar e expressar sua verdadeira identidade sem a necessidade constante de validação externa. Segundo ele, estar realmente só não significa estar em isolamento físico; uma pessoa pode estar solitário e ainda assim não ser capaz de estar só psicologicamente, o que pode causar sofrimento intenso. No entanto, muitas pessoas desenvolvem a capacidade de apreciar a solidão ainda na infância, chegando a valorizá-la como uma das suas posses mais preciosas (Winnicott, 1958).

Os impactos da contemporaneidade na vivência de uma solidão criativa

Na contemporaneidade, a (in)capacidade de estar só tornou-se ainda mais relevante devido às transformações associadas à crescente hiperconectividade, pela constante presença da tecnologia na vida cotidiana e dependência -muitas vezes crônica- das redes sociais. Embora, como já visto por Winnicott, a solidão não se trata de uma experiência negativa, ao contrário, esta é um vazio criativo e necessário para a integração, sem este o sujeito torna-se incapaz de relacionar com outros, não segue rumo a independência e até mesmo não vivencia o complexo de Édipo.

Neste cenário apresentado, a presença ubíqua das tecnologias digitais complica ainda mais essa dinâmica, configurando-se em muitos casos uma forma de um desafio para adultos, mas principalmente para crianças que estão experienciando o desenvolvimento emocional primitivo descrito por Winnicott. Segundo Loparic (2016) a teoria winnicottiana estabelece que:

A origem (etiologia) dos distúrbios são, em primeiro lugar, falhas ambientais, falta da provisão ambiental necessária e, em segundo lugar, reações a essas falhas, bem como dúvidas pessoais e conflitos internos que colocam em risco o processo de integração. (Loparic, 2016, p.141-142)

Entende-se portanto, que o risco da não integração ou a angústia da desintegração iminente do sujeito parte desta origem ambiental substancial. Centralizado a isso tem-se que a solidão deve ser experienciada de forma serena pelo infante para constituição dos limites transicionais de interioridade, exterioridade e espaço de ilusão e descanso (De Santi, 2009). Na atualidade esta falha ambiental torna-se mais evidente em detrimento da constante presença de estímulos, evidenciados não apenas pelos cuidadores demasiadamente presentes (Audibert, 2008, apud De Santi, 2009), mas de dispositivos que são entregues de forma desmedida aos infantes, impedindo-os à experiência desta solidão serena, constitutiva de integração e tolerância.

Além destes desdobramentos, existem explicações para fenômenos como a adição a tecnologia e o uso precoce de dispositivos tecnológicos. Bauman, magistralmente descreve essas ocorrências como sendo resultado do esvaziamento das conexões intersubjetivas, um efeito do modelo de consumo contemporâneo.

Contemporaneamente, todos tenderíamos a tomar o consumo como modelo para todas as relações. Uma vez que aprendemos a lidar com bens de consumo de forma objetiva e pragmática, teríamos transplantado o modelo para as relações humanas. (Bauman, 2007, apud, De Santi, 2009)

Tendo em vista a teoria de Winnicott, a maturidade é destacada como um fator crucial e um sinônimo de saúde psíquica. Ela representa a capacidade do sujeito de suportar angústias sem se desintegrar diante da falta, em outras palavras Winnicott atribui a este processo à tolerância (compreensão do amor e da agressividade). Ressaltando-se que estes são recursos a serem alcançados por um sujeito integrado, capaz de fazer o intermédio entre o mundo externo e seu mundo interno em seu espaço transicional. Contemporaneamente a maneira na qual observa-se os comportamentos de dependência digital nos adultos e uso excessivo de dispositivos digitais em crianças são ligadas à, respectivamente, causalidade e ocasião para o desenvolvimento de problemas maturacionais na fase do *concern*, onde a tolerância é produzida. Segundo Loparic (2016), em Winnicott, são criadas defesas pelos sujeitos como tentativas insuficientes de auto-organização, diante de uma falha ambiental.

Conclusão

Assim, conclui-se e encontra na literatura, em Winnicott, sobre patologias, que a adição e uso hiperconectado de dispositivos digitais, são correlatos aos conflitos com a ambivalência, na introdução de objetos e do controle aos sentimentos de agressividade e amor que designam deste processo. O procedimento terapêutico indicado para tal é, segundo Loparic (2016, p. 143) "dando a oportunidade [ao paciente] de recuperar de dúvidas através da interpretação, reabilitação e paciência".

O manejo descrito, pode ser apontado como recurso combativo aos mal-estares e comportamentos provenientes do modelo contemporâneo, propiciando saúde aos sujeitos por meio da terapia. Entretanto, a observação e estudo destas questões atuais destacam a necessidade de um aprofundamento contínuo da constituição subjetiva e psíquica dos sujeitos de todas as idades. Nota-se por fim, que os resultados aprofundados destes estudos têm o potencial de promover saúde e a compreensão dos aspectos sociais, ajudando a solucionar problemas visíveis e característicos do século XXI.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Zahar. 2001

DE SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. **Sob as adições: a incapacidade de estar só**. 2009

KHAN, M. M. R. **DW Winnicott: textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LOPARIC, Zeljko. **Esboço do paradigma winnicottiano**. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 7–58, 2002.

LOPARIC, Zeljko. **Winnicott: uma psicanálise não-edipiana**. *Revista de Psicanálise*, v. IV, n. 2, out. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000100007>. Acesso em: 19 Jun. 2024.

LOPARIC, Zeljko. **ACHIEVEMENTS OF WINNICOTT 'S REVOLUTION**. Pluralismo na psicanálise (Portuguese Edition) PUCPress. 2016.

NASIO, J.-D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

SANTOS, Eder Soares. **APONTAMENTOS SOBRE O PARADIGMA DA PSICANÁLISE DE WINNICOTT**. Pluralismo na psicanálise (Portuguese Edition) PUCPress. 2016.

WINNICOTT, D. W. A CAPACIDADE DE FICAR SOZINHO. 1958. In: WINNICOTT, D. W. **Processos de Amadurecimento e Ambiente Facilitador**. Ubu Editora, 2022.

WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária. 1956 *In*: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.